

ENTREVISTA DA PROF.^a LÚCIA CERNE GUIMARÃES CORONA,

SOBRE AÍDA CURTI,

MATÉRIA PUBLICADA NO “DIÁRIO DA NOITE” DE 31 DE MARÇO DE 1959.

TEXTO DE VICTOR MARIANO.



Desfazendo as infâmias assacadas à memória de Aída Curi pelos seus matadores, dois valiosos depoimentos foram divulgados pela imprensa, na semana passada. Um deles, o da Superiora do Educandário Gonçalves de Araújo, Irmã Maria Casas; o segundo, o do cardeal dom Jaime Câmara – ambos confirmando o ótimo caráter da menina que Ronaldo, Antônio e Cássio Murilo atraíram à cilada do edifício Rio-Nobre.

Estava faltando, todavia, alguma coisa, neste assunto. Tanto dom Jaime como a Irmã Maria Casas se referiram a Aída Curi ainda aluna interna de um colégio de religiosas. Nada, entretanto, nem uma linha, ou uma palavra, sobre o comportamento da jovem no período em que, havendo terminado o curso, voltou à companhia da genitora. Vale dizer, assim, que, dos seis meses que Aída viveu fora da escola, entre janeiro e julho de 1958, pouco se sabe realmente, ao menos do seu procedimento fora de casa, longe da vista dos seus familiares. Como teria sido Aída, realmente, nessa ocasião?

Ter-se-ia dado a aventuras, como depuseram os seus difamadores? Teria adotado atitudes levianas, aceitando suspeitos convites para encontros com desconhecidos? Ou teria continuado pura, digna, decente, como durante os nove anos que passou no educandário?

Ora, suprimo a falta existente e pedindo no caso, a atenção do promotor Maurílio Bruno, vamos publicar, agora, o que nos relatou dona Lúcia Cerne Guimarães Corona, CATEDRÁTICA DA Escola Técnica Nacional e professora de português do curso comercial que funciona, à noite, na Escola Argentina. Graduada em Pedagogia e Jornalismo pela Faculdade Nacional de Filosofia, autora de valiosos trabalhos sobre ensino, é, a renomada educadora, pessoa a mais categorizada para falar sobre Aída Curi, por ter sido sua mestra, justamente no período em que a vítima dos tarados de Copacabana esteve estudando na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa.

Esclareçamos, de pronto, que dona Lúcia Corona, em todo o tempo de sua entrevista com o DN, foi sempre a favor de sua antiga discípula. E porque conviveu com ela quase diariamente – e intimamente – nos seis derradeiros meses de vida de Aída, vai rebater a falsidade e a má-fé dos detratores da pobre garota assassinada.

DONA LÚCIA CONHECE AÍDA CURÍ

- Conheci Aída Curi – é a educadora Lúcia Corona quem depõe – em janeiro de 1959, na Cultura Inglesa. Muito embora a grande diferença de idade, éramos colegas – pois eu ali fazia um curso de aperfeiçoamento e ela aprendia inglês. Por indicação de uma das suas professoras, Aída me procurou, a fim de que lhe desse aulas particulares de português, pois pretendia inscrever-se num concurso, visando a obter emprego público. Até 15 de junho, foi ela, assim, pessoa com quem lidei quase diariamente. Saíamos, juntas, da Cultura Inglesa, e vínhamos até minha casa, a pé.

Na segunda quinzena de junho, viajei para a Europa. Estava de malas prontas com destino a Londres quando meu marido me escreveu, relatando a morte trágica de Aída.

Sofri tão grande comoção que passei mais de um dia com febre de quarenta graus, na capital britânica. E desde que voltei ao Rio, ainda não me refiz do abalo que sofri. Tanto assim que suspendi as aulas particulares em minha residência, pois mal posso olhar a salinha em que ela estudava.

ERA UMA MENINA PURA

- Se a senhora conviveu intimamente com a menina, entre janeiro e junho de 1959, talvez possa opinar sobre o caráter dela. Certo?

- Sem dúvida. Vou mais longe: posso dizer-lhe que jamais conheci uma menina igual a Aída. Era um caráter puro, de uma candidez que chegava a comover. Em nossas palestras, a maior parte do tempo falava na genitora, contando-me as lutas e os sofrimentos de dona Jamila para educar os filhos. Como estudante, foi exemplar em tudo. Nunca faltou, nunca chegou atrasada a uma aula.

EQUILIBRADA

- O juiz Sousa Neto afirmou que Aída era uma débil mental.

Dona Lúcia se exalta à observação acima:

- Débil mental, Aída Curi? Não. Nem por sombra! Fui sua amiga e sua mestra. Era, sem dúvida, uma jovem recatada, serena, comedida nos modos e no falar. Mas seu equilíbrio mental era perfeito. Inteligência acima do comum. Modesta, sim. E tanto que eu só soube que tirava as notas mais altas na Cultura Inglesa, quando uma professora me informou.

DONA LÚCIA QUIS DEPOR

- Não admite – voltamos a perguntar – que Aída tivesse dupla personalidade?

Dona Lúcia se irrita com a pergunta. E as lágrimas lhe correm pelo rosto, ao responder:

- A zona sul, nos dias atuais, oferece perigos sem conta para jovens puras como foi Aída Curi. Eu, que a ouvia falar pelo telefone, com suas colegas do Educandário Gonçalves de Araújo, que pude inteirar-me em pouco tempo da sua moral sem defeitos, cheguei a preocupar-me. Aída era uma jovem clara, alta, com cabelos avermelhados, muito bonita.

Se tinha defeito, era justamente a sua beleza, se isto pode ser dito assim. Costumávamos vir juntas até minha casa, andando e conversando. Chamava a atenção de todo mundo. Mas, e isto é importante: não se dava conta do interesse que despertava. Disse-lhe muitas vezes que se acautelasse. Ela convidou-me a ir ao seu lar, conhecer sua mãe. E sabe o que me revolta? Quando voltei da Europa, resolvi acompanhar o caso. Li e ouvi o que se disse contra ela. Indignei-me e procurei prestar depoimento no processo, mas fui recusada.

E mais serena:

- Não. Aída não tinha dupla personalidade. Houve quem asseverasse que a menina tivera aventuras condenáveis. Que almoçava com estranhos. Ora, Aída Curi, porque estudava em mais de uma escola, nem tempo tinha de almoçar. Aqui comigo, quando terminávamos a aula de português, tomava café com biscoito. Não a deixava sair em jejum. Seu dia-a-dia era controlado no relógio. Acha o senhor que sendo, como sou, professora há quase vinte anos, tendo lidado com várias centenas de alunas de toda classe social, de todo nível de educação, iria enganar-me?

QUIS SER ACAREADA COM OS DIFAMADORES

- A senhora afirmou que quis depor no processo Aída Curi. Por que não foi aceita?

- Não sei. Sei, isto sim, que me propus, até a acarear-me com os seus difamadores. Iria desmascará-los. Iria provar-lhes que Aída não podia ter feito nada do que eles afirmavam. Saberá confundi-los, não duvide.

E novamente, em tom de grande exaltação:

- A verdade há de surgir, pois Deus não consentirá que se macule impunemente a honra de uma moça que preferiu deixar-se matar a ceder aos propósitos covardes e perversos dos seus assassinos!

A “CURRA” FOI LONGAMENTE PLANEJADA

- Como explica, dona Lúcia, que Aída tenha subido ao terraço do edifício Rio Nobre?

- Foi uma “curra”, eu acredito, longamente planejada. Como já lhe disse, Aída era bonita, muito bonita mesmo. O porteiro Antônio, Ronaldo, Cássio Murilo e o “playboy sem vintém”, como é chamado o filho de um outro porteiro, de nome Manoel Antônio da Costa, prepararam tudo, cuidadosamente. Esse “playboy sem vintém”, por exemplo, estava matriculado na mesma escola em que Aída estudava datilografia. Por quê? E por que ficou fora do processo?

Ione, que eu não conheço, também devia ter sido tratada com menos liberalidade...

Aída, ou foi arrastada a uma cilada muito hábil, ou foi vítima de coisa pior. Por sua vontade, desde que tivesse conhecimento do que dela se pretendia, não entraria no

elevador. Compreende o senhor? Era decente em todo o tempo e muito ciosa da própria dignidade.

- O pai de Ronaldo declarou que ela subiu no elevador aos beijos e aos abraços.

- Ele disse isto na minha presença. Fiquei enojada. Só mesmo não conhecendo Aída!

NÃO SABIA DANÇAR

- Não soube de qualquer namorado que ela tivesse?

- Não. Em palestra com as suas amiguinhas do Educandário Gonçalves de Araújo, perguntavam-lhe se ela tinha muitos candidatos a noivo. Aída ria e retrucava que quando algum aparecesse – que servisse – ela diria. Escusava-se de ir a festas familiares porque, conforme me contou, não sabia dançar. Depois, a verdade é que, apesar de interessada em fazer concurso para obter emprego, a vontade de ser freira jamais a abandonou. Volta e meia falava nisto.

Vamos, porém, que ela tivesse realmente um namorado. Que mal haveria nisto? Ou que mal haveria que conversasse com rapazes? Seria isto um crime, ou um indício de moral duvidosa? Não, naturalmente. Mas o que confrange é que, mesmo um namoro ingênuo não havia em sua vida!

UM LENCINHO E UM RETRATO

Mostra-nos, a esta altura, um lenço e um retrato.

- Vê este lencinho? Foi Aída que me deu, à véspera do meu embarque para a Europa.

Disse-me, nessa ocasião: “Quando tiver saudades e chorar por mim, seque neste lenço suas lágrimas”. Mal sabia que estava sendo profética, pois suas palavras se cumpriram. E este retratinho, veja, é dela! Semblante plácido, beleza plácida. Beleza de uma santa, o senhor sabe?

UM ANJO OU UMA SANTA

E concluindo o seu depoimento:

- Depois que Aída Curi saiu do colégio, ninguém, a não ser sua mãe, conviveu com ela mais do que eu convivi. Admirei-a pelas suas qualidades: inteligência, educação, virtude, equilíbrio – nada lhe faltava para vir ter, na vida, um futuro feliz. E doloroso é vermos que, depois de a terem seviciado torpemente, assassinando-a com requintes de baixeza, pretendam ainda manchar sua memória! Não. Aída era um anjo ou uma santa. Nunca vi uma menina igual a ela.
